

ENTREVISTA

*Universidade Estadual de Maringá – Departamento de Geografia
Núcleo de Estudos Sobre Mobilidade e Mobilização - NEMO
Entrevista com o Prof. Dr. Javier Martín Vide (Universidad de Barcelona)
05/09/2009*

Vanessa: Eu gostaria de começar perguntando o que fez o senhor optar pela geografia?

Javier: Bem, quando eu era pequeno, tinha uns doze anos, eu gostava muito de olhar pela janela quando chovia, eu gostava muito de ver chover, cair o raio, tudo isso. Eu era um bom estudante do ensino secundário, tinha umas qualificações boas, gostava tanto de matemática quanto das ciências vizinhas, letras também, geografia particularmente. Quando eu viajava com os meus pais, eu gostava de apontar os nomes das populações de onde eu viajava. Tudo isso fez que quando eu acabei o ensino secundário, o orientador escreveu ao final das minhas qualificações que eu poderia optar na universidade por qualquer graduação de ciências ou de letras. Eu então comecei a estudar matemática, eu achava que a matemática era uma ciência muito importante e eu comecei o primeiro ano de matemática, e eu aprovei, passei no primeiro ano, mas me dei conta de que as matemáticas eram muito abstratas, e os pés não estavam na terra, estava achando as estruturas abstratas e no seguinte ano acadêmico eu me inscrevi no segundo ano de matemáticas e no primeiro de geografia, porque eu gostava muito da geografia, e em particular da geografia física, porque uma parte da geografia física era a climatologia, e comecei a estudar as duas graduações, geografia e matemática, e ao final, acabei as duas graduações. Fui ao serviço militar, e então saiu uma vaga na faculdade de geografia em Barcelona, na Espanha. Acabei fazendo a inscrição para esta vaga de professor ajudante, e consegui esta vaga quando eu terminei o serviço militar. Então eu entrei no departamento de geografia da minha universidade.

Vanessa: Eu posso dizer que primeiro partiu um interesse pela geografia e depois do contato com a Geografia, surgiu o interesse pela climatologia.

Javier: Sim desde pequeno eu adorava os fenômenos meteorológicos.

Vanessa: Como foi sua trajetória acadêmica?

Javier: Na Universidade havia muita diferença. A matemática é uma graduação muito difícil. Você poderia estudar todo tempo, preparar para um exame, para uma prova durante um mês e aprovar justo com um 5 ou um 6. Em geografia era muito mais fácil, naquela época já então, pegava um ônibus, repassava as notas e podia obter um 8 ou um 9. Contudo, no final gostei muito mais da geografia do que da matemática. Mas acabei as duas e depois consegui essa vaga de professor ajudante e comecei a fazer a minha tese de doutorado sobre uma temática propriamente climatológica

Vanessa: Agora queria que você falasse um pouco de sua relação com o Brasil, o seu contato aqui como foi?

Javier: Esta é a décima primeira ou a décima segunda vez, que venho ao Brasil. À primeira vez foi no ano de 1988, eu fui com minha esposa à USP em São Paulo. Eu trabalhei um pouco com a professora Marta Adelaide Lombardo, que havia estudado a ilha de calor na cidade de São Paulo, e depois fiz um “tour” como turista e fui para Salvador-BA, para Foz do Iguaçu e ao Rio de Janeiro. Essa foi a primeira vez, e depois eu viajei ao Brasil para participar de um programa de doutorado, de uma Universidade privada de Salvador, a UNIFAS. Eu estive dois meses lá, dando aula, também participei dos congressos da Associação Brasileira de Climatologia Geográfica no Rio de Janeiro, Alto Caparaó (Minas Gerais, perto de Espírito Santo) e agora estou aqui, com muito prazer em Maringá.

Vanessa: Convênio com universidades o senhor não tem nenhum?

Javier: Bem estamos estudando com a professora Leonor Marcon a possibilidade de fazer um convênio entre as duas universidades pra trocar experiências, para que professores daqui possam viajar à Espanha, à minha universidade e preparar projetos de pesquisa.

Márcio Rocha: E anteriormente a esse convênio não houve nenhum que se consolidasse em si?

Javier: Ah, nós tivemos um convênio que acabou no mês de março desse ano, mas que...

Márcio Rocha: Conosco aqui?

Javier: É sim

Márcio Rocha: Em outras universidades não houve nenhum?

Javier: Universidades do Brasil, ter convênios com aquela Universidade que eu falei de Salvador, de Bahia e também de Fortaleza e agora tem um convênio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. Um convênio pra fazer doutorado.

Vanessa: Agora entrando na questão ambiental, a questão climática, aliás, tem sido muito discutida e eu queria saber o que o senhor vê dos encaminhamentos hoje, no âmbito dos estados nacionais em relação à questão climática.

Javier: Uma questão importante: agora podemos acreditar que estamos com uma nova realidade. A temperatura do planeta, a temperatura dos continentes começou a aumentar desde os anos 70 do século XX, e isso é uma nova realidade. Isso está produzindo um aumento do nível do mar e também o retrocesso dos glaciais das montanhas, o gelo dos Andes, Himalaia, está se retrocedendo. Então esse é o problema global, o problema mais importante de caráter ambiental do planeta neste século 21. Mas não é só um problema ambiental, mas também do modo de desenvolvimento econômico, de modelo de geração de energia... É um problema social, é um

problema econômico, político. Agora, já, desde 2 ou 3 anos em todas as reuniões internacionais, o problema da mudança climática está lá, no roteiro da reunião, está presente este tema. Provavelmente a região do ártico no pólo norte claramente, não terá gelo, não terá boreal nos anos 2030. Então, isto é uma possibilidade de um trajeto livre de gelo. Então, todos os países vizinhos do ártico estão tomando em consideração essa possibilidade porque tem repercussões econômicas.

***Márcio Rocha:** Professor, orientando em cima deste ponto, os estados nacionais, as corporações e as organizações não governamentais, eles formam um todo que produz efetivamente, a sociedade. O senhor acha que a forma como está sendo trabalhada esta problemática, ela é a contento? Como é que o senhor vê? O Senhor está inquieto, não está inquieto, em relação à resposta que a sociedade está dando para estas transformações que estão sendo postas aí?*

Javier: Eu acho que nós melhoramos muito esta problemática, mas ainda não é suficiente. Temos que mudar os nossos comportamentos habituais. E quando fazemos questionários com as pessoas, perguntamos se você acredita que o problema da mudança climática é importante; uma alta porcentagem acredita que sim, provavelmente é problema importante, mas a diferença é que as pessoas ainda não estão decididas para fazer ações que mitiguem o aquecimento global. Então há ainda uma discrepância importante entre o que acreditamos como uma problemática preocupante, e o que fazemos como humanos.

***Márcio Ghizzo:** A esse respeito ouvimos falar muito em interesses políticos de grupos de países, o que o senhor tem a dizer sobre isso?*

Javier: Bom, o mundo é muito diferente, os países são muito diferentes. A Europa, por exemplo. Durante o protocolo de Kyoto, no ano de 1997, já se passaram mais de dez anos. Adotou umas restrições de emissão de gases do efeito estufa mais fortes, mais interessantes que o acordo global. Os Estados Unidos não aceitou as conclusões do protocolo de Kyoto. Os países emergentes como China, Índia têm outra dinâmica de frente, uma dinâmica muito preocupante. São muitos milhares de habitantes, e eles têm o direito também de ter um carro, por exemplo, e a

participar da riqueza. É difícil de colocar essa idéia em prática de uma maneira sustentável. É complicado, muito complicado.

Márcio Ghizzo: O senhor é otimista, nessa questão?

Javier: Forçosamente eu sou otimista, mas também acredito que o problema é grave, complicado. Mas na história da humanidade, as crises climáticas, períodos muito secos foram períodos também de avanço, de progresso porque o humano tem capacidade para achar ações mais convenientes e avançar.

Vanessa: O senhor acredita que existam mitos em relação às mudanças climáticas?

Javier: Mitos é certo e exageros também. Às vezes alguns jornalistas tentam exagerar muito e desenhar um futuro obscuro, totalmente obscuro e fatal. Eu acho que isso não é bom. Se um médico diz a um doente que sua vida está acabando, ele não fará nenhuma coisa para poder melhorar. Portanto nós temos que trabalhar muito, mas também sermos otimistas.

Vanessa: E a geografia, qual a sua colaboração?

Javier: A geografia é muito importante nessa temática, o problema da mudança climática não é só ambiental, não é só dos biólogos dos geólogos. É um problema global e humano-físico, e a geografia está crescendo

Algumas pessoas e pesquisadores acham que no futuro, a mudança climática, o aquecimento global com a subida do nível do mar, produzirá migrações importantes nos países pobres, uma temática propriamente geográfica. Então a geografia é uma ciência ideal para estudar e avançar no conhecimento da problemática da mudança climática.